

## O SAGRADO E O PROFANO<sup>1</sup> NOS CEMITÉRIOS DE<sup>2</sup> BAGÉ/RS

Egiselda Brum Charão<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto trata das representações do sagrado e do profano existentes nos cemitérios de Bagé/RS. Entende-se que é por meio das representações que os indivíduos forjam laços de pertencimento a determinados espaços, atividades, que acabam por constituí-los enquanto sujeitos históricos e sociais.

**Palavras chave:** cemitérios, representações, sagrado, profano, arte

**Abstract:** Ours cemeteries have many important things and reproduced the society. Because of this, my text will show the representations of the sacred and the profane inside in Bage's cemeteries. This text will work on the theories of the cultural history, anthropology and patrimmonium.. With these elements, the people build connections and relations between them inside the spaces. This things will transform the people and historical and socials agents.

**Key-words:** cemeteries, representations, sacred, profane, art.

A pesquisa cemiterial afigura-se como uma área nova de análise no Brasil, tanto do ponto de vista histórico cultural, quanto arquitetônico e patrimonial, cujo interesse iniciou-se com Clarival Valadares, no estado da Bahia, na década de 1960, com o cadastramento e descrição de túmulos baianos. No Rio Grande do Sul, os primeiros passos foram ensaiados pelo Frei Rovílio Costa, ao efetuar algumas publicações relacionadas aos imigrantes italianos e alemães. A pesquisa se consolidou a partir da dissertação de Mestrado do Professor Harry Rodrigues Bellomo. Desde então há mais de dez anos é efetuada por um grupo de universitários e graduados da PUCRS, também por estudantes de outras universidades e estados do país. Do projeto alavancado pelo Professor Bellomo foram publicados vários artigos no Brasil e exterior, e a obra Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte sociedade e ideologia. Conforme palavras do

---

<sup>1</sup> Considera-se sagrado tudo aquilo que está ligado à religião, magia, mitos, crenças. Em qualquer tipo de religião, a concepção do sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente das naturais, remetendo ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental, ao metafísico. Quando o processo é tratado como um fato natural, biológico, normal, estamos no campo do profano, de tudo aquilo que não é sagrado. <http://www.pluricom.com.br/forum.php?artigo=45> Capturado em 15 de junho de 2008 às 15h45min.

<sup>2</sup> A elaboração do artigo foi orientada pelo prof. Dr. Harry Rodrigues Bellomo e a revisão gramatical foi feita pelo Prof. Dr. Gilberto Scarton da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

professor Bellomo, as sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas sócioeconômicas e ideologias. Portanto, nesses espaços pode-se observar que:

*“Ao longo tempo as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios constituem-se vestígios a céu aberto que propiciam aos historiadores interpretações históricas dessas sociedades. São fontes escritas e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social”<sup>4</sup>*

Partindo da idéia que os cemitérios abrigam valores e reproduzem as estratificações da sociedade em que estão inseridos, este texto investiga as representações do sagrado e do profano existentes nos cemitérios de Bagé/RS. A elaboração do presente artigo apoiou-se em teóricos da história cultural, patrimonial e em preceitos antropológicos que enfatizam a investigação das representações. Ao mesmo tempo pretende ressaltar a importância do cemitérios como patrimônio histórico e como ilimitada fonte de estudos da sociedade, pois entende-se que é por meio das representações encontradas nos campos-santos que podemos perceber como os indivíduos forjam laços de pertencimento ao redor de determinados espaços, territórios e atividades, que acabam por constituí-los enquanto sujeitos históricos e sociais.

As representações da morte nos cemitérios são de ordem social, e as classes dominantes impõem suas concepções imagéticas da morte e criam uma pompa fúnebre onde são ressaltados seus valores através da glorificação de personagens e atividades específicas dessas classes. Confirma-se assim, nesse pressuposto o pensamento de Voltaire segundo o qual, em uma sociedade de classes não existe morte igualitária. Em sua obra sobre cemitérios no Rio Grande do Sul, o professor Harry Rodrigues Bellomo salienta que *o ponto de partida da arte cemiterial de grande porte foi a percepção de que o túmulo é a morada dos mortos e, como tal deveria reproduzir a morada dos vivos.*<sup>5</sup> Portanto a tendência do túmulo-habitação é manter as formas arcaicas de disposição, ou seja:

---

<sup>4</sup> BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>5</sup> BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.15

<sup>5</sup> *Ibidem*. p.50

*A habitação dos mortos pode parecer como sala coberta por terra (etruscos), pirâmides (egípcios), grutas funerárias (hebreus), túmulos aéreos (Índia), catacumbas (romanos), jazigos, capelas, mausoléus, etc. Desta forma, os cemitérios se tornam a cidade dos mortos , convivendo geograficamente com a cidade dos vivos.<sup>6</sup>*

Em função de sua localização, a cidade de Bagé foi palco de combates que nortearam o surgimento de heróis históricos, grandes fazendeiros e figuras políticas de relevância dentro do contexto nacional. Essas construções estão incorporadas diretamente no cemitério da Santa Casa. As famílias de relevância político-financeira da comunidade eternizaram seus nomes em construções que pudessem demonstrar seu poderio e se constituíssem num memorial étnico-social. As construções traziam impressas sua ideologia sem contudo se distanciar da fé. Isso se constata no Jazigo monumental (fig. 53) que engloba essas características (o céu – divino/cristão e a terra – terreno pagão) em harmonia arquitetônica.



JAZIGO MONUMENTAL - SACRO-PROFANO

O Jazigo Monumental, construído pela sociedade Espanhola homenageia os mortos entalhando nessa obra, conforme detalhe 01 a estátua de Cristo e seu sagrado coração ao mesmo tempo, incrustou na base sobre a estátua em alto relevo símbolos cristãos e pagãos observados no detalhe 02 . Erigida na década de 1910, possui uma arquitetura sóbria e monumental, de influencia neoclássica<sup>7</sup>. Destacam-se os brasões de relevante artesanaria, que ostentam símbolos cristãos associados aos símbolos da coroa espanhola.

---

<sup>7</sup>Neoclassicismo é um movimento artístico que se desenvolveu especialmente na arquitetura e nas artes decorativas. Floresceu na França e na Inglaterra, por volta de 1750, sob a influência do arquiteto Palladio (palladianismo), e estendeu-se para o resto dos países europeus, chegando ao apogeu em 1830. Inspirado nas formas greco-romanas, renunciou às formas do barroco (que não tinha tido grande repercussão na



Detalhe 01



Decoração sacro-profana



Detalhe 02

A obra a seguir foi construída na década de 1920. Reproduz uma mulher em genuflexão sobre o túmulo demonstrando no seu pranto o lamento e a dor da perda do ente querido. A Coroa de flores, indicativa de uma alegoria divina, representa a vitória da alma humana sobre o pecado e a morte. A obra não prima por uma arquitetura elaborada, observando a obra, pode-se entender que os parentes do finado tentaram expressar de forma simbólica a dor pela perda do vivente. A construção tenta retratar a dimensão dor, através da imagem de uma mulher que, não suportando seu peso, ajoelha-se sinalizando a derrota e o abatimento diante do inexorável, do inevitável: a morte.

---

França e na Inglaterra) revivendo os princípios estéticos da antiguidade clássica. O Neoclassicismo relaciona fatos do passado aos acontecimentos da época. Os artistas neoclássicos tentaram substituir a sensualidade e trivialidade do Rococó por um estilo lógico, de tom solene e austero. Quando os movimentos revolucionários estabeleceram repúblicas na França e América do Norte, os novos governos adotaram o neoclassicismo como estilo oficial por relacionarem a democracia com a antiga Grécia e República Romana. <http://www.pegue.com/artes/neoclassicismo.htm> Capturado em 04 de maio de 2008 às 21h35min.



### PRANTEADORA - ALEGORIA DA DOR EXTREMADA

O Jazigo de Art Deco<sup>8</sup> foi construído no século XX e remete a uma arquitetura imponente que concilia formas curvas, linhas geométricas arrojadas. apresenta-se no formato do ideário da arte clássica somado ao estilo do escultor . Erigida no topo está a Alegoria da Morte Medieval<sup>9</sup> do estilo gótico tardio, que vigorou no século XIV. Essa expressão artística buscava os efeitos de luz e sombra por meio do contraste entre volumes, dessa forma cunhava figuras abstratas.

Diferentemente do gótico elegante do século XIII, é menos ambiciosa em virtude da crise econômica e da peste negra. No detalhe frontal 01 consta a seguinte imagem: Homem negro, nu com as mãos amarradas às costas, atrás dele uma mão com dedos abertos estendida possibilita dupla interpretação: 1ª: estão a conduzi-lo para seguir

---

<sup>8</sup> Art Deco 1920 a 1939! O termo art deco, de origem francesa (abreviação de arts décoratifs), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas (design, mobiliário, decoração etc.) e arquitetura no entreguerras europeu. O marco em que o "estilo anos 20" passa a ser pensado e nomeado é a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925. O art deco liga-se na origem ao art nouveau. O padrão decorativo art deco segue outra direção: predominam as linhas retas ou circulares estilizadas, as formas geométricas e o design abstrato. Entre os motivos mais explorados estão os animais e as formas femininas. Nesse sentido, é possível afirmar que o estilo "clean e puro" art deco dirige-se ao moderno e às vanguardas do começo do século XX, beneficiando-se de suas contribuições. O cubismo, a abstração geométrica, o construtivismo e o futurismo deixam suas marcas na variada produção inscrita sob o "estilo 1925". O vocabulário moderno e modernista combina-se nos objetos e construções art déco com contribuições das artes hindu, asteca, egípcia e oriental, com inspiração no balé russo de Diaguilev, no Esprit Nouveau de Le Corbusier (1887 - 1965) e com a reafirmação do "bom gosto" estabelecido pela Companhia de Arte Francesa (1918). Mas na verdade esta designação foi atribuída a posteriori em referência à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais, ocorrida em Paris em 1925, onde se apresentou o que de melhor então se produzia no domínio dos objectos utilitários domésticos. Este foi, inicialmente, um estilo meramente decorativo destinado exclusivamente às artes aplicadas, também chamadas "artes da casa" e por isso a classe média, sua principal consumidora, o acolheu tão bem. <http://www.beatrix.pro.br/cultobsc/arquiteturacemetry.htm> Capturada em 04 de maio de 2008 às 22h30min

<sup>9</sup> Designação utilizada por Daniel Teixeira Meirelles Leite. *O Cemitério de Bagé como fonte de Turismo*. 2008

adiante e a 2º estão tentando ampara-la. Algumas pessoas sem sexo definido ressaltam em seus rostos apreensão, dor, agonia, êxtase e incredulidade .



JAZIGO ART DECO,



Detalhe frontal 01



Detalhes lateral 02: Atlante reclinado  
Túmulo Tristão Riet



Atlante Reclinado  
Antigo Bco da Província  
Jesus Maria Corona (1911-12)

Nas laterais, tanto no lado direito como o esquerdo do jazigo, estão incrustados em alto relevo as imagens de atlantes reclinados, conforme se observa no detalhe 02. As figuras esculpidas sustentam simbolicamente as dores do mundo que pela representação parece ser a cruz do calvário. Sobre a cruz, ao centro, está entalhado o rosto de Cristo parcialmente inclinado para traz, como se estivesse olhando para o céu e suas feições denotam súplica e elevação.

Esses atlantes, em oposição aos de Jesus Maria Corona, estudados pelo prof. Dr. Arnoldo Doberstein, não apresentam deformidades e estão com a face oculta. Isso pode ser interpretado como aceitação da subserviência ou do destino fatal de carregar, junto com a dor, também a vergonha dos homens e a servidão humana. Contudo há que se

perceber na figura do negro, do detalhe frontal 01 a expressão de dignidade e as formas salientes da musculatura corporal, mesmo que submetido, como uma maneira de exaltar o esforço físico. Esse apelo é notório também nos esforço denotado pelos atlantes.



JAZIGO  
SACRO- PROFANO

DETALHE CRISTÃO

SIMBÓLICO PAGÃO

JAZIGO SACRO- PROFANO – Pertencente a Família de José Paixão Cortes, avô paterno do tradicionalista Paixão Côrtes.

Em toda a sua composição, o Jazigo Sacro-Profano remete a uma construção simbólica intrigante no seu conteúdo. Seria necessário uma pesquisa de campo com entrevista de familiares para a decifrar esse complexo enigmático. Contudo, embasando-se em estudo de símbolos, pode se elaborar uma possível interpretação desta obra. O conjunto constitui-se sobre uma base similar a pedras brutas com folhas brotando entre os entremeios da mesma; sobre ela uma espécie de coluna melhor trabalhada, no entanto ainda rústica; esculpido em alto relevo uma cobra deslizando em direção ao chão; abaixo da cobra uma espécie de pergaminho contendo a identificação da família.

No topo desta coluna, à esquerda de quem olha ou vigia, uma coruja; na lateral direita um figura feminina vestida ensaia um passo com as mãos postas em oração e a cabeça voltada para o alto; na lateral esquerda uma figura masculina vestida aponta com o indicador da mão direita para a cobra enquanto na mão esquerda pendida segura um buquê de lírios com as pétalas voltadas para o chão. Para arrematar, no alto da coluna uma outra figura com sexo indefinido porta na mão direita uma tocha com a chama voltada para baixo e a esquerda segura uma coroa de flores sobre uma urna funerária.

Presentes neste conjunto elementos pagãos que apontam para um mundo das trevas como a coruja e que, evoca também a sabedoria, simboliza o conhecimento racional, ou seja, a luz da sabedoria que domina o obscuro e o primitivo. Já a serpente, rápida como o relâmpago, sempre surge de uma abertura escura, fenda ou rachadura para cuspir morte ou vida antes de retornar ao invisível. Quando é a fêmea, mora nas profundas camadas da consciência e da terra, dotada da capacidade de metamorfosear-se constitui uma complexidade de arquétipos ligados à noite fria e as suas origens. Segundo a psicanálise, é a encarnação do psique inferior obscuro, também é o símbolo duplo da alma e do libido.

Em contraponto à representação do mundo obscuro, está o triunfo da morte cristã no topo, reforçado pelas alegorias cristãs com cargas simbólicas da pureza e da perfeição, da fé, da esperança, do amor e da sublimação. Evidentemente esta é apenas uma explicação oriunda da reflexão sobre as representações em função do desconhecimento sobre história da construção do monumento fúnebre. O tema morte sempre esteve presente na criação artística, quase sempre com o fito de celebrar a figura do morto. E fiéis às tradições de *parusia*<sup>10</sup> de quaisquer naturezas, até fins do século XIX o tema da morte, fossem as execuções dos mártires ou qualquer outro exemplo, sempre foram tratados com um certo distanciamento. Ao contrário, deveria ser mostrada a paz, a beatitude à hora da morte/passagem. *“Os mortos simplesmente vivem noutra dimensão, de onde, com a ajuda dos deuses, renascerá a vida”*<sup>11</sup> Essa concepção se reflete também na arte cemiterial de Bagé. Em geral anônima ou assinada, desde o século XIX pauta-se por esta tradição, de esperança, de descanso, de aguardo da ressurreição.

Em alguns casos é importante retratar no mármore (o suporte mais antigo), no bronze ou no granito, aspectos da vida do morto (individualmente ou da sua família) que enunciem uma vida digna, honrada, honesta. Seguem, assim, os mesmos cânones e tradição do Renascimento e do Barroco.

---

<sup>10</sup> de origem grega =*parousia significa presença* é termo usualmente empregado com a significação religiosa de "volta gloriosa de Jesus Cristo, no final dos tempos, para presidir o Juízo Final".

<sup>11</sup> SILLER, Perez Javier. A Festa dos mortos. Correio da Unesco- ano 18,nº 2



O tema abordado a seguir é um complemento do anterior e tem por finalidade ilustrar a presença de anjos recorrente nos túmulos antigos. As linhas do rosto, aliadas ao realce dos ombros, músculos dos braços e à definição do tórax sugerem uma figura masculina. Gesto contido, tranquilo, de laurear o morto, reforçado pela direção do olhar. De outro, este anjo também se submete em sua função à idéia da ressurreição.



Anjo da  
Oração



Anjo da  
Consternação



Anjo da  
Predestinação



Anjo da anunciação  
da morte



Anjo da Fé  
e da Esperança

Nos cemitérios de Bagé a proliferação de anjos suscita um desvelo pelo descanso do morto, que se expressam pelo gesto contido, pela face serena e inexpressiva e pela delicadeza nas dobras das roupas que parecem balançar suavemente ao sopro do vento

Em linhas gerais, o traço que diferencia a passagem da arte tumular neoclássica para a da *belle époque*<sup>12</sup> e, corresponde, em primeiro lugar, à diminuição e mesmo esvaziamento da simbologia escatológica tradicional, isto é, a crença em paraíso e inferno. Estas eram freqüentes, quase obrigatórias na fabricação dos marmoristas europeus, tanto na representação do objeto principal, como na distribuição dos elementos alegóricos. A arte se veste de uma nova espiritualidade lírica e impregna-se de um profundo realismo.



Alegoria da Caridade e da Piedade



Alegoria da Fé e da Elevação da alma



Alegoria da Tristeza



---

<sup>12</sup>Costuma-se definir *Belle Époque* como um período de pouco mais de trinta anos que, iniciando-se por volta de 1880, prolonga-se até a Guerra de 1914. Mas essa não é, logicamente, uma delimitação matemática: na verdade, *Belle Époque* é um estado de espírito, que se manifesta em dado momento na vida de determinado país. No Brasil, a *Belle Époque* situa-se entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana da Arte Moderna em São Paulo, sendo precedida por um curto prelúdio – a década de 1880 – e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925. [http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/belle\\_epoque](http://www.pitoresco.com.br/art_data/belle_epoque) Capturada em 25 de junho de 2008 às 15h21min.

Alegoria da Desolação

Alegoria da Saudade

Alegoria do pesar

Por isso, logo transforma a figura alada e assexuada dos anjos da estatuária classista em novos personagens: em anjos de procissão que parecem existir em nosso cotidiano. Essas imagens se evidenciam na cidade de Bagé dentro de uma diversificação de material como na elaboração e acabamento das obras. Podem ser interpretadas segundo o conceito de Daniel Meirelles, que aponta estas estátuas como surgidas nos mausoléus da alta burguesia:

*[... que geralmente apareciam como um símbolo, podendo também estar acompanhadas de uma ação humana. A elas, damos o nome de Alegorias. Estas alegorias geralmente estão dentro dos padrões românticos, que tinham como características o apelo sentimental e emocional e um discreto sensualismo. As alegorias se dividem em três grandes grupos: Alegorias cristãs, alegorias sentimentais e alegorias das realidades político-econômicas.]*<sup>13</sup>



Alegorias da oração (imagens de crianças)

Considera-se assim que os anjos, a partir das mudanças comportamentais relacionadas ao espírito, sofrem transformações: ganham sexo, expressam a idade, brincam como crianças, refletem juventude. O romantismo das figuras aladas, embora tenham uma apresentação realística, não pode ser identificado com os sinais eróticos que se manifestariam depois na arte funerária para traduzir desolação, as atitudes mais teatrais e melodramáticas.

<sup>13</sup>BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. In: LEITE, Daniel Teixeira Meirelles. *Alegorias nos Cemitérios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.15

Algumas obras encontradas no cemitério da Santa Casa de Bagé não possuem identificação; outras trazem impressa a identificação do artista, isto é, estão assinadas, entre as quais estão a *Alegoria da Tristeza*, alto relevo assinada por Mario Arjonas<sup>14</sup>; o Jazigo da Família Alamon, assinada por B. Aliboni; a imagem do Redentor assinada por L. Martinelli; as Pietás, de André Arjonas e Leoni Lonardi.



Pietà (André Arjonas)<sup>15</sup>



Pietà (Leoni Lonardi – 1931-32)

---

<sup>14</sup> Mario Arjonas, autor da estátua da Ubirici, localizada no Viaduto Ubirici, em Porto Alegre/RS. Mario nasceu em Porto Alegre em 1925, filho do escultor André Arjonas, nascido na Antequera, Espanha, em 1885. Seus primeiros trabalhos estão datados por volta de 1910. Foi Aprendiz de Martinez Lopes. Mestre da Casa Aloys. Mario iniciou suas atividades em 1943 na Casa Aloys.

<sup>15</sup> Autoria de André Arjonas fundamentada no depoimento de Joaquim Puerta segundo o prof. Harry Bellomo. com exemplar no Cemitério da Santa. DOBERSTEIN, Arnaldo Valter. *Estatuária, Catolicismo e Gauchismo*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002. Pg. 285



Cristo Redentor(L. Martinelli)

Entende-se que, para avaliar-se a importância dos escultores, é necessário um estudo minucioso e comparativo que possibilite identificar e catalogar as obras existentes nos cemitérios, a fim de registrar e preservar a memória antes que as esculturas sejam dilapidadas ou o desgaste do tempo apague vestígios importantes das características das mesmas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo considera-se, que com as transformações mentais, ou seja, com as mudanças de pensamento, as formas de representação da morte e o culto ao morto vão também se reelaborando. Isso se deve à secularização da igreja, ou seja, processo pelo qual a religião deixa de ser o aspecto cultural agregador, transferindo para o estado este fator coercitivo e identificador. Assim a secularização fez com que tal sociedade já não esteja mais determinada pela religião, que em determinadas épocas norteou a arte religiosa como intermediária entre o terreno e o divino, o que possibilita o surgimento de novas elaborações da fé fundamentadas nas crenças primordiais.

Nesse processo o homem volta o pensamento para sua própria individualidade, em função do laicismo que defendia a liberdade de consciência, a igualdade entre cidadãos em matéria religiosa, e a origem humana e democraticamente estabelecida das leis do Estado, isso leva a construção de representações com características mais reais e humanas. Contudo, elas ainda portam adereços que trazem à lembrança a crença religiosa que se mantém guardada na memória. Essas construções mentais serão

redefinidas em função das condições econômicas e do momento histórico em que foram elaboradas.

Atualmente percebe-se um esvaziamento de conteúdos nas construções e na arte cemiterial. Os jazigos e túmulos dos campos santos de Bagé demonstram a ausência da religiosidade, de ideologia política e o empobrecimento cultural e econômico da sociedade. O cemitério reflete uma sociedade em conflito, onde não existem referenciais para a construção da memória histórica coletiva. Esses fatos denotam novas perspectivas para análise das relações sociais que fornecem suporte viabilizando assim a investigação sobre as novas elaborações representativas da morte.

**- FONTES**

Cemitério Municipal e rurais de Bagé/RS

**- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)*. Tese de Mestrado PUCRS, 2006

BACZKO, B. *Imaginação Social*, Encicl. Einaudi, v. V

BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. Paulos: São Paulo, 1999.

BELLOMO, Harry (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *História dos nossos gestos*. Universidade, São Paulo, 1987

Cemitérios: Fontes primárias em estudo

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. José Olímpio . Rio de Janeiro: 2007.

DOBERSTEIN, Arnaldo Valter. *Estatuária, Catolicismo e Gauchismo*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.

SILLER, Javier Perez. *A Festa dos Mortos* . Correio da Unesco- ano 18,nº 2]

TREVISAN, Armindo. *A Escultura dos Sete Povos*. IEL: Porto Alegre, 1978.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.

ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.

**REFERÊNCIAS ELETRONICAS**

<http://www.auladearte.com.br> Capturado em 25 de maio de 2008 às 21h54min.

<http://www.beatrix.pro.br/cultobsc/arquiteturacemetry.htm> Capturado em 04 de maio de 2008 às 22h30min.

[http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/belle\\_epoque](http://www.pitoresco.com.br/art_data/belle_epoque) Capturada em 25 de junho de 2008 às 15h21min.

<http://www.pluricom.com.br/forum.php?artigo=45> Capturado em 15 de junho de 2008 às 15h45min.

<http://www.pegue.com/artes/neoclassicismo.htm> Capturado em 04 de maio de 2008 às 21h35min.